

Fil.

Professor: Larissa Rocha
Gui Franco

Monitor: Leidiane Oliveira



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

RESUMO

. Ambiente filosófico (século XVII): diante da série de conflitos econômicos, sociais, científicos e religiosos que permeavam a Europa, vários filósofos passaram a defender o ceticismo, isto é, a doutrina filosófica segundo a qual não é possível obter nenhum conhecimento seguro a respeito do que quer que seja. No fim das contas, tudo é relativo e só nos resta a dúvida.

. Projeto cartesiano: refutar o ceticismo, estabelecendo as bases fundamentais de um conhecimento absolutamente seguro e, garantindo, assim nossa possibilidade de compreender a realidade com segurança.

. Método cartesiano (método da dúvida): devo tomar seriamente para mim o propósito de, ao menos uma vez na vida, pôr todas, absolutamente todas as minhas convicções em dúvida (dúvida hiperbólica). Aquelas crenças que sobreviverem à dúvida mais radical mostrarão ser firmes e inabaláveis, sendo, portanto, seguras.

. Etapas do Método: - 1ª dúvida (argumento dos sentidos): Já fui mais de uma vez enganado por minha sensibilidade. Ora, se os sentidos já me enganaram uma vez, que garantia tenho eu de que não me enganarão novamente? O que sobrevive: as impressões sensíveis mais fortes (de minha própria existência, por exemplo)

- 2ª dúvida (argumento do sonho): Já tive a experiência, inúmeras vezes, de sonhos intensos, que me pareciam profundamente reais. Ora, se já estive dormindo e cria estar dormindo, o que me garante que não estou dormindo agora? O que sobrevive: os elementos básicos da percepção sensível (cor, tamanho, textura, tempo, etc.) e as verdades matemáticas

- 3ª dúvida (argumento do gênio maligno): Ora, e se houver uma ser todo-poderoso que me engana a cada vez em que eu julgo possuir um conhecimento verdadeiro? É possível concebê-lo, portanto é razoável duvidar. O que sobrevive: aparentemente nada

- **1ª verdade encontrada (argumento do “cogito” -> “Penso, logo existo = “Cogito, ergo sum”)**: O método da dúvida me garante ao menos uma coisa – que estou duvidando. Ora, se estou duvidando, então penso. Se penso, logo existo. Certeza adquirida: própria existência

. A partir desta primeira certeza indubitável, base de todo saber, Descartes passa a deduzir uma série de outras certezas. Nessa reconstrução do edifício do conhecimento, só que agora sob bases seguras, as mais importantes verdades que Descartes acreditou provar foram:

- Se é através da minha capacidade de pensar que posso garantir a minha própria existência, mesmo que eu ainda não saiba de qualquer outra coisa (nem se tenho corpo), portanto, é esta capacidade de me pensar que define: minha essência é a racionalidade, é a capacidade de pensar.

- Dentre todas as idéias que possuo, ainda sem saber se existe algo além de mim, há uma idéia diferente de todas as outras: é a idéia de Deus. Esta idéia se diferencia por não dizer respeito a um ser finito, como as outras, mas sim a um ser infinito. Ora, de onde pode me ter vindo esta idéia? Ela não pode ter vindo de mim, pois eu sou um ser finito, enquanto esta idéia é infinita. Como o menor não pode dar origem ao maior, então o finito não pode gerar o infinito. Assim, essa idéia não pode ter sido gerada por mim. Há, portanto, um Ser infinito que pôs esta idéia em mim. A este ser chama-se Deus. Sendo infinito, Deus possui necessariamente todas as perfeições, tanto de poder, quanto morais.

- Prosseguindo, se há um Deus perfeitamente poderoso e bom, então o mundo à nossa volta também existe de fato, pois um Deus assim não permitiria que eu me enganasse tão radicalmente a respeito da realidade. É compatível com a bondade infinita de um ser todo-poderoso permitir que eu me engane às vezes, mas não que eu me engane sempre. Graças a Deus, portanto, pode-se dizer com certeza absoluta que o mundo exterior à minha mente é real. - Por fim, se foi a descoberta do cogito, isto é, se foi a descoberta de minha capacidade racional que legitimou todo o meu saber obtido de modo seguro, e, ao contrário, tudo o que eu percebia pelos sentidos era desconfiável, então não há dúvida de que a razão é o fundamento último do conhecimento humano e que só ela nos dá segurança na busca da verdade. Os sentidos, ao contrário, só têm valor sob o comando da razão.

EXERCÍCIOS DE AULA

1. Nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias.

DESCARTES, R. Regras para a orientação do espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da

- investigação de natureza empírica.
 - retomada da tradição intelectual.
 - imposição de valores ortodoxos.
 - autonomia do sujeito pensante.
 - liberdade do agente moral.
2. É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)

- dissolução do saber científico.
 - recuperação dos antigos juízos.
 - exaltação do pensamento clássico.
 - surgimento do conhecimento inabalável.
 - fortalecimento dos preconceitos religiosos.
3. Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores **como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano”, mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.**

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 2, n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em

- expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
 - oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
 - ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
 - explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
 - explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.
4. TEXTO I
- Há já de algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

TEXTO II

É de caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se

- a) retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
- b) questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
- c) investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
- d) buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
- e) encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

EXERCÍCIOS DE CASA

1. TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. Meditações Metafísicas. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. Uma Investigação sobre o entendimento. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

2. O conhecimento é uma ferramenta essencial para a sobrevivência humana. Os principais filósofos modernos argumentaram que nosso conhecimento do mundo seria muito limitado se não pudéssemos ultrapassar as informações que a percepção sensível oferece. No período moderno, qual processo cognitivo foi ressaltado como fundamental, pois permitia obter conhecimento direto, novo e capaz de antecipar acontecimentos do mundo físico e também do comportamento social?

- a) Dedução.
- b) Indução.
- c) Memorização.
- d) Testemunho.
- e) Oratória e retórica.

3. A dúvida é uma atitude que contribui para o surgimento do pensamento filosófico moderno. Neste comportamento, a verdade é atingida através da supressão provisória de todo conhecimento, que passa a ser considerado como mera opinião. A dúvida metódica aguça o espírito crítico próprio da Filosofia.

(Adaptado de Gerd A. Bornheim, Introdução ao filosofar. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 11.)

A partir do texto, é correto afirmar que:

- a) A Filosofia estabelece que opinião, conhecimento e verdade são conceitos equivalentes.
- b) A dúvida é necessária para o pensamento filosófico, por ser espontânea e dispensar o rigor metodológico.
- c) O espírito crítico é uma característica da Filosofia e surge quando opiniões e verdades são coincidentes.
- d) A dúvida, o questionamento rigoroso e o espírito crítico são fundamentos do pensamento filosófico moderno.

4. Ao analisar o cogito ergo sum – penso, logo existo, de René Descartes, conclui-se que
- a) o pensamento é algo mais certo que a própria matéria corporal.
 - b) a subjetividade científica só pode ser pensada a partir da aceitação de uma relação empírica fundada em valores concretos.
 - c) o eu cartesiano é uma ideia emblemática e representativa da ética que insurgia já no século XVI.
 - d) Descartes consegue infirmar todos os sistemas científicos e filosóficos ao lançar a dúvida sistemático-indutiva respaldada pelas ideias iluministas e métodos incipientes da revolução científica.

5. Analise a seguinte afirmação:

“Uma prática pela qual conhecendo a força e as ações do fogo, da água, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diferentes misteres de nossos artesãos, pudéssemos aplicá-los pela mesma forma a todos os usos para os quais são próprios, e tornando-nos assim como senhores e possuidores do Universo”.

Essa afirmação refere-se

- a) à alusão de Descartes acerca do conhecimento que se configura como domínio do Homem sobre a realidade.
- b) à manipulação conceitual por meio da qual se originam todas as operações lógicas com a finalidade de alcançar o conhecimento.
- c) à famosa questão dos “universais” que agitou e, dada a posição central que ocupa, atualizou em boa parte, durante séculos, o melhor do pensamento filosófico.
- d) ao objeto de que se ocupam os pensadores que levam em consideração o conhecimento, que deriva da metafísica aristotélica.

6. O principal problema de Descartes pode ser formulado do seguinte modo: “Como poderemos garantir que o nosso conhecimento é absolutamente seguro?” Como o cético, ele parte da dúvida; mas, ao contrário do cético, não permanece nela. Na Meditação Terceira, Descartes afirma: “[...] engane-me quem puder, ainda assim jamais poderá fazer que eu nada seja enquanto eu pensar que sou algo; ou que algum dia seja verdade eu não tenha jamais existido, sendo verdade agora que eu existo [...]”

(DESCARTES. René. “Meditações Metafísicas”. Meditação Terceira, São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 182. Coleção Os Pensadores.)

Com base no enunciado e considerando o itinerário seguido por Descartes para fundamentar o conhecimento, é correto afirmar:

- a) Todas as coisas se equivalem, não podendo ser discerníveis pelos sentidos nem pela razão, já que ambos são falhos e limitados, portanto o conhecimento seguro detém-se nas opiniões que se apresentam certas e indubitáveis.
- b) O conhecimento seguro que resiste à dúvida apresenta-se como algo relativo, tanto ao sujeito como às próprias coisas que são percebidas de acordo com as circunstâncias em que ocorrem os fenômenos observados.
- c) Pela dúvida metódica, reconhece-se a contingência do conhecimento, uma vez que somente as coisas percebidas por meio da experiência sensível possuem existência real.

- d) A dúvida manifesta a infinita confusão de opiniões que se pode observar no debate perpétuo e universal sobre o conhecimento das coisas, sendo a existência de Deus a única certeza que se pode alcançar.
- e) A condição necessária para alcançar o conhecimento seguro consiste em submetê-lo sistematicamente a todas as possibilidades de erro, de modo que ele resista à dúvida mais obstinada.

QUESTÃO CONTEXTO

Ser ateu é um modo de estar no mundo. Antes de ser implicação com a existência de divindades, o ateísmo é um desdobramento da reflexão filosófica sobre os limites entre o sentido da existência e o absurdo da existência.

<http://www.paulopes.com.br/2017/04/como-nao-existem-deuses-temos-de-dar-conta-de-nos-mesmos.html#.WOUwWojyvIU>

Construa um parágrafo utilizando o argumento cartesiano para existência de Deus.

GABARITO

Exercícios de aula

1. d
Descartes é o principal filósofo racionalista. Assim sendo, para ele, o conhecimento é resultado de investigações do ser pensante, único capaz de chegar a conceitos verdadeiros.
2. d
A dúvida radical conduz o pensador à conclusão de que pensa, o cogito. Esta é, para Descartes, o conhecimento inabalável, princípio de todas as certezas. Sendo assim, somente a alternativa [D] está correta.
3. c
Em geral, a ciência estabelece um método de pesquisa racional que busca a construção coletiva de conhecimentos refletidos e seguros sobre a variedade da natureza, e, também, de conhecimentos esclarecedores sobre os fenômenos que nos parecem familiares. Sendo assim, a ciência possui uma base racional fundante a qual todo homem pode ter acesso e, desse modo, todos podem participar. Ela possui, além disso, como objeto de pesquisa a perplexidade do homem perante a variância de alguns fenômenos naturais e a permanência de outros, e como objetivo da pesquisa harmonizar estas diferenças em equilíbrios dinâmicos através de conceitos e sistemas de conceitos justificados da melhor maneira possível, isto é, pela construção de experimentos controlados e avaliações imparciais.
4. b
Como exemplo da radicalidade indicada pelo prof. Franklin Leopoldo e Silva, vale mencionar que **Descartes inicia a segunda meditação com a metáfora de um homem submerso, ele diz: “a meditação que fiz ontem encheu-me de tantas dúvidas, que doravante não está mais em meu alcance esquecer-las. E, no entanto, não vejo de que maneira poderia resolvê-las; e, como se de súbito tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona”. Essa metáfora expõe um homem de mãos atadas; voltar para a situação anterior é impossível, porém manter-se no meio do caminho também. A única opção é manter-se trilhando o caminho da dúvida sistemática e generalizada, esperando desse modo alcançar algum ponto firme o suficiente para ser possível apoiar os pés, e nadar de volta para a superfície. Mantendo-se nesse caminho, o filósofo busca o ponto que irá inaugurar uma cadeia de razões da qual ele não poderá duvidar. O chão desse mar no qual o filósofo está submerso é esta única coisa da qual ele não pode duvidar, mesmo se o gênio maligno estiver operando. Tal certeza radical é a certeza sobre o fato de que se o gênio maligno perverte meus pensamentos, ele nunca poderia perverter o próprio fato de que eu devo estar pensando para que ele me engane. Penso, existo é a nova raiz que nutre a modernidade.**

Exercícios de casa

1. e
Da dúvida sistemática e generalizada das experiências sensíveis, Descartes espera começar a busca por algum ponto firme o suficiente para ser possível se apoiar e não duvidar. O chão deste mar de dúvidas no qual o filósofo está submerso é esta única coisa da qual ele não pode duvidar, mesmo se o gênio maligno estiver operando. Esta certeza é a certeza sobre o fato de que se o gênio maligno perverte meus pensamentos, ele nunca poderia perverter o próprio fato de que eu devo estar pensando para que ele me engane. Então, se penso, existo.
David Hume (1711-1776), influenciado pela filosofia de John Locke (1632-1704), parte de uma noção da mente humana segundo a qual o homem não possui ideias inatas, porém todas elas provêm da experiência sensível para compor o conhecimento. Sendo assim, o homem conhece a partir das impressões e das ideias que concebe a partir da experiência. De experiências habituais ele constrói

conhecimentos baseados em matérias de fato e relações entre ideias. Os conhecimentos sobre matérias de fato são empíricos, portanto, apenas mais ou menos prováveis, já os conhecimentos sobre relações de ideias são puros, portanto, sempre certos sem, todavia, se referir a qualquer realidade sensível.

2. b

Na época moderna foram estruturadas as bases para o conhecimento científico que avançou até o período contemporâneo. O objetivo perseguido era compreender os fenômenos do mundo físico. A busca por uma previsão ou antecipação destes fenômenos foi perseguida por pensadores que buscaram estabelecer princípios para a formulação de leis gerais que pudessem garantir segurança e confiabilidade no desenvolvimento de tais teorias. Os principais pensadores que forneceram estas bases foram **Francis Bacon e René Descartes**. **Bacon criou a “Teoria dos Ídolos” a fim de purificar a mente, de livrá-la de impressões errôneas que impedissem a observação clara e experimentação precisa dos fenômenos naturais. Seu método era indutivo, pois propunha que por meio de uma série de observações realizadas com rigor, era possível estabelecer princípios para formular leis gerais. Descartes é quem vai estruturar as bases do método científico moderno. Por meio de sua obra: “Discurso do Método”, Descartes propõe o uso da razão como instrumento para tornar claro as informações que nossos sentidos captam. Após o esclarecimento dos conceitos, por meio da observação e comparação utilizando o rigor da matemática na análise e formulação das teorias, seria possível formular leis gerais dos fenômenos observados. Ambos os autores deixam de lado a visão e do método dedutivo, proposto por Aristóteles que predominava até então.**

3. d

O período moderno da filosofia se caracterizou por dois movimentos, a saber, a dúvida e o método. A dúvida colocou em questão aquilo que se tinha por conhecimento – vale ressaltar que a filosofia moderna tem seu início geralmente demarcado no século XVII – e o método buscou reconstruir o conhecimento de modo que não se pudesse dele duvidar. Porém, esta ausência de dúvida não significa dogmatismo, mas sim o esforço da dedicação à filosofia, ao estudo da sabedoria, ao bem aplicar o espírito.

“Este é o método que segui, e que tu, se te aprover, poderás utilizar. Pois não te recomendo o meu, apenas o proponho. Contudo, qualquer que seja o método que empregares, gostaria muito de recomendar-te a filosofia, isto é, o estudo da sabedoria, por falta do qual todos sofremos recentemente muitos males”. (T. Hobbes. *Do Corpo – Cálculo ou Lógica*. Campinas: Editora Unicamp, 2009, 15).

“O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm. E não é verossímil que todos se enganem a tal respeito; mas isso antes testemunha que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, e os que só andam muito lentamente podem avançar muito mais, se seguirem sempre o caminho reto, do que aqueles que correm e dele se distanciam”. (R. Descartes. *Discurso do método*. In *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 29).

4. a

Uma vez que as sensações são fonte de engano, Descartes deduz a sua existência, enquanto ser, a partir do ato de pensar, e não da matéria corporal. Sendo assim, somente a alternativa [A] é correta.

5. a

A única alternativa plausível é a [A]. Essa referência feita a Descartes provém do texto de Caio Prado Júnior, *O que é filosofia*. Segundo Caio Prado, essa citação serve para demonstrar como a filosofia moderna constitui o conhecimento como um problema filosófico.

6. a

Descartes tem como ponto de partida a busca de uma verdade que não pode ser colocada em dúvida, por isso, começa duvidando de tudo, começando pelas afirmações do senso comum, passando pelas

autoridades, do testemunho dos sentidos, até do mundo exterior, inclusive da realidade do seu corpo, no entanto, só interrompe essa cadeia de dúvidas diante do seu próprio ser, do seu próprio intelecto que **duvida, pois não pode duvidar de que está duvidando, daí, a célebre máxima cartesiana: “penso, logo, existo”**.

Questão contexto

Dentre todas as idéias que possuo, ainda sem saber se existe algo além de mim, há uma idéia diferente de todas as outras: é a idéia de Deus. Esta idéia se diferencia por não dizer respeito a um ser finito, como as outras, mas sim a um ser infinito. Ora, de onde pode me ter vindo esta idéia? Ela não pode ter vindo de mim, pois eu sou um ser finito, enquanto esta idéia é infinita. Como o menor não pode dar origem ao maior, então o finito não pode gerar o infinito. Assim, essa idéia não pode ter sido gerada por mim. Há, portanto, um Ser infinito que pôs esta idéia em mim. A este ser chama-se Deus. Sendo infinito, Deus possui necessariamente todas as perfeições, tanto de poder, quanto morais.